

**RELAÇÃO FAMÍLIA E TRABALHO NA PERSPECTIVA DE GÊNERO:
A INSERÇÃO DE CHEFES E CÔNJUGES NO MERCADO DE TRABALHO**

Diversas têm sido as abordagens sobre a crescente presença feminina no mercado de trabalho, ampliando o conhecimento a respeito das características e tendências dessa inserção sob a perspectiva individual e de gênero. Assim, constatou-se que o aumento da participação das mulheres no mundo do trabalho nas últimas décadas, em especial a partir dos anos 90, veio acompanhado por um maior desemprego em relação aos homens e pela inserção produtiva concentrada no segmento dos Serviços, em ocupações tidas como tipicamente femininas e frequentemente com menor proteção legal e rendimentos inferiores aos dos homens. Paralelamente, houve paulatina ampliação do contingente de mulheres ocupando cargos antes considerados masculinos, tais como os de gerenciamento e chefia.

No esforço de melhor compreender tais questões, este boletim procura observar a relação das mulheres com o mercado de trabalho,¹ a partir das distintas conformações que a família² pode assumir e a sua posição na família. Destacam-se as situações das mulheres que moram sozinhas, das que têm filhos, mas não contam com um cônjuge para dividir as responsabilidades de manutenção e cuidado da família e das cônjuges em casais com ou sem filhos.

Sabe-se que mudanças recentes no mundo do trabalho afetaram a relação família trabalho na articulação de seus membros para a atividade produtiva remunerada e na sua organização para garantir a sobrevivência imediata e buscar melhores condições de vida. Nesse contexto, observam-se a maior permanência dos jovens na escola, o declínio de sua participação no mercado de trabalho e o crescimento da inserção produtiva de mulheres, sejam chefes de família sejam cônjuges.

¹ Na prática, as relações familiares que ocorrem com o advento da inserção feminina, em especial da cônjuge, tendem a assumir formas conflituosas, na medida em que as incumbências familiares e domésticas permanecem, em geral, com a mulher. Com a expansão da presença feminina em profissões de nível superior e em cargos executivos, um novo modelo se sobrepõe ou substitui o primeiro, que é o de delegação desses encargos a outras mulheres. Hirata, H., Kergoat, Daniele. Novas Configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v.37, n.132, p. 595-609, set/dez. 2007.

² A PED considera família os moradores de um mesmo domicílio, definidos pelas relações – nucleares (casal), primárias (pai, filho, irmão, etc.) e/ou secundárias (tio, sobrinho, primos, etc.) – que estabelecem entre si. Tais relações podem ser de parentesco, afinidade ou dependência social e econômica com o chefe do domicílio. Predomina a correspondência entre unidade familiar e domiciliar (98,6% dos domicílios, em 2007/08 eram constituídos por uma só

O objetivo desse estudo é observar como o tipo de arranjo familiar e a posição da mulher na família influenciam sua inserção no mercado de trabalho, a partir da base de dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego, na Região Metropolitana de São Paulo, no biênio 2007-2008. Antes, porém, será feita uma breve caracterização do comportamento das mulheres no mercado de trabalho entre 2007 e 2008.

A inserção feminina no mercado de trabalho em 2008 – Principais resultados

Participação da mulher no mercado de trabalho volta a crescer

Após interromper movimento de expansão entre 2005 e 2007, a taxa de participação das mulheres, na Região Metropolitana de São Paulo, voltou a crescer, ao atingir 56,4%, em 2008, frente aos 55,1% no ano anterior. Entre os homens, também houve aumento, embora com menor intensidade (de 71,4% para 72,0%).

A taxa de desemprego total, feminina e masculina, diminuiu pelo quinto ano consecutivo. Entre as mulheres, passou de 17,8%, em 2007, para 16,5%, em 2008. Entre os homens, decresceu com maior intensidade, tal como nos três anos anteriores, chegando a 10,7%. Com isso, a diferença relativa entre a taxa de desemprego total de homens e mulheres chegou ao seu valor máximo dos últimos 20 anos.

A redução da taxa de desemprego de mulheres e homens refletiu o aumento do nível ocupacional, em ritmo mais acelerado do que o de sua entrada no mercado de trabalho.

Para as mulheres, o crescimento do nível de ocupação em 2008 foi o maior em sua trajetória de elevação de dez anos consecutivos e superou o observado para os homens (5,6% e 3,8%, respectivamente). O nível de ocupação feminina cresceu em praticamente todos os setores de atividade analisados, em especial nos Serviços e no Comércio. Entre os homens, o aumento mais intenso se deu na Construção Civil e na Indústria.

Devido ao crescimento mais acentuado de seu nível ocupacional, as mulheres ampliaram sua participação no total de ocupados, que passou de 44,7%, em 2007, para 45,1%, em 2008.

O rendimento médio real por hora das mulheres ocupadas apresentou pequena variação negativa (-0,9%) em relação ao ano anterior e passou a corresponder a R\$ 5,76, o que equivale a 76,4% do atribuído aos homens (R\$ 7,53). Para estes, houve ligeiro aumento (1,0%), ampliando a diferença entre os sexos.

família). Note-se que, a partir da base de dados utilizada, não há, necessariamente, consangüinidade entre cônjuges ou chefes e filhos residentes, pois podem ser seus enteados, filhos adotivos ou de criação.

Perfil das famílias

Nos tipos de família³ com filhos e sem cônjuge, a chefia feminina é maior

Os dados da PED confirmam as tendências identificadas em vários estudos de declínio do número médio de pessoas na família. Tal fenômeno reflete, basicamente, a redução do número de filhos nas famílias, decorrente da queda da fecundidade e do aumento da proporção de famílias monoparentais e de pessoas que moram sozinhas. Em 2007/08, o número médio de pessoas por família na RMSP era de 3,2 e o número médio de filhos 1,3.

A família tradicional, denominada nuclear (composta por um casal), predominava (58,0%) na RMSP. Tais famílias eram, em sua maioria, compostas por casal e filho(s) (44,5%). A proporção de casal sem filhos correspondia a 13,5% (Tabela 1).

As famílias monoparentais (chefes sem cônjuge e com filhos), independentemente do sexo do chefe, representavam 13,1% do total. Dessas, a maior parte possuía chefia feminina (11,7%), sendo diminuta a parcela com chefia masculina (1,4%).

O terceiro grupo a se destacar é o das pessoas que moram sozinhas, representando 12,1% das famílias da RMSP, no período, com predominância daquelas compostas por mulheres (6,6%), embora a parcela de homens nessa condição fosse também relevante (5,6%).

Em 97,0% das famílias nucleares com filhos os homens foram considerados chefes. No caso das famílias compostas apenas pelo casal, 95,9% eram chefiadas por homens. Em contraste, 89,7% das famílias compostas por chefes sem cônjuge e com filhos eram chefiadas por mulheres.

³ Os arranjos familiares analisados no presente boletim não incluem parentes em sua constituição, ou seja, são considerados apenas o chefe de família e a presença de cônjuge e filhos. Essa opção sustenta-se no fato de a presença de outros parentes nas famílias ser relativamente pequena, embora, em muitos casos, possa ser importante na constituição da renda familiar e na distribuição das atividades domésticas, nesse caso, muitas vezes liberando a mulher para uma atividade remunerada. A tabela 14 do anexo estatístico apresenta a proporção de cada tipo de arranjo familiar, com ou sem parentes que residam com a família.

Tabela 1
Distribuição das Famílias e Número Médio de Filhos,
segundo Tipo de Arranjo Familiar e Sexo do Chefe da Família
Região Metropolitana de São Paulo
2007/2008

Tipo de Arranjo Familiar	Famílias (%)		Número Médio de Filhos (1)
Total	100,0	100,0	1,3
Chefe Mulher	27,5	27,5	1,2
Chefe Homem	72,5	72,5	1,3
Casal com Filhos (2)	44,5	100,0	1,9
Chefe Mulher	1,4	3,0	2,0
Chefe Homem	43,1	97,0	1,9
Casal sem Filhos (2)	13,5	100,0	-
Chefe Mulher	0,6	4,1	-
Chefe Homem	12,9	95,9	-
Chefe sem Cônjuge com Filhos (2)	13,1	100,0	1,8
Chefe Mulher	11,7	89,7	1,8
Chefe Homem	1,4	10,3	1,5
Pessoa que Mora Sozinha	12,1	100,0	-
Chefe Mulher	6,6	54,1	-
Chefe Homem	5,6	45,9	-
Demais	16,9	100,0	1,3
Chefe Mulher	7,3	43,4	1,2
Chefe Homem	9,5	56,6	1,3

Fonte: SEP. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

(1) Inclusive as famílias sem filhos.

(2) Exclusive as famílias com outro parente e / ou agregado.

Mercado de trabalho

Mulheres com filhos – cônjuges e chefes – têm maior presença no mercado de trabalho

1. Nas **famílias nucleares com filhos**, a taxa de participação das cônjuges foi de 59,6%. Tal indicador não se altera substancialmente segundo o número de filhos, correspondendo a 60,6% naquelas com um filho e a 58,9% naquelas com dois filhos ou mais (Tabela 2).

2. No entanto, a presença de filhos muito pequenos parece influenciar a inserção das cônjuges no mercado de trabalho. Entre as famílias nucleares com filho de até um ano idade, a taxa de participação das cônjuges foi de 54,3%, contra 67,0% naquelas com filhos com mais de um até cinco anos.

3. Nas **famílias nucleares sem filhos**, a taxa de participação das cônjuges (55,8%) é menor do que naquelas com filhos (Tabela 3). É de se esperar que tais famílias sejam predominantemente jovens – quando ainda não geraram filhos – ou mais velhas – quando seus filhos já constituíram novas famílias.

4. Nas **famílias sem cônjuge e com filhos**, chefiadas por mulheres, observa-se a maior taxa de participação dessas mulheres (64,8%), independente do número e da idade dos filhos. Tal característica expressa, principalmente, a necessidade de sustento familiar, que, muitas vezes, é exclusivamente dessas mulheres.

5. Entre as **mulheres que moram sozinhas** encontra-se a menor taxa de participação, fator provavelmente associado à elevada presença de idosas, cujos rendimentos advêm, principalmente, de pensões e/ou aposentadorias.

6. A elevada taxa de participação das mulheres nas famílias com filho menor de um ano de idade impõe atenção especial à oferta de vagas em creches e na educação infantil, a fim de fornecer alternativas adequadas para o cuidado dessas crianças, amenizando a responsabilidade das mulheres nessa situação.⁴

Tabela 2
Taxas de Participação das Cônjuges e das Chefes Mulheres, por Número de Filhos Residentes e Faixa Etária do Filho Mais Novo, segundo Tipo de Arranjo Familiar
Região Metropolitana de São Paulo
2007/2008

Cônjuges e Chefes Mulheres (1)	Número de Filhos			Faixa Etária do Filho Mais Novo			
	Total	1 Filho	2 Filhos ou Mais	Total	Até 1 Ano	Mais de 1 até 5 Anos	Mais de 5 Anos
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos	59,6	60,6	58,9	59,6	54,3	67,0	58,1
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos	64,8	60,2	69,3	64,8	78,1	84,6	61,8

Fonte: SEP. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

(1)Exclusive as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e/ou agregado e aquelas famílias com outro tipo de arranjo familiar.

Emprego e desemprego do chefe influencia a inserção das cônjuges no mercado de trabalho, principalmente daquelas com filhos

7. Nas famílias nucleares com filhos e chefe desempregado, as taxas de participação das cônjuges foram maiores (67,4%) do que naquelas em que o chefe encontrava-se ocupado (62,6%). Tais informações reiteram a ideia de que a família é a unidade de decisão de ação de seus componentes e que a decisão de trabalhar ou não leva em conta a forma hierarquizada característica das relações familiares (Tabela 3).

⁴ Segundo dados da Pesquisa de Condições de Vida – PCV, realizada pela Fundação Seade em 2006, na RMSP, mais da metade das crianças (52,7%) de 0 a 6 anos de idade não frequentava creche ou pré-escola: 77,4% das crianças de 0 a 3 anos e 22,2% de 4 a 6 anos. Disponível em: www.seade.gov.br.

8. Nas famílias nucleares sem filhos, a influência da condição de atividade do chefe é menor: a taxa de participação das cônjuges não se altera significativamente quando os chefes estão ocupados (70,5%) ou desempregados (70,1%).

9. Ainda que persista a diferença de inserção das cônjuges segundo a condição de atividade dos chefes de família, especialmente nas famílias nucleares com filhos, estudos têm apontado para a tendência de redução dessa diferença.⁵ Em outros termos, há sinais de certa autonomização dos vínculos das mulheres com o mundo do trabalho, independentemente da situação de seu cônjuge. Possivelmente, tal aproximação reflete mudanças culturais na nossa sociedade, que apontam para maior autonomia das mulheres e a possibilidade de sua realização profissional. Mesmo assim, especialmente quando há filhos, a necessidade mais imediata de aumento ou manutenção do rendimento familiar diante do tipo de ocupação ou de desemprego do chefe da família ainda se manifesta como elemento indutor da entrada da mulher no mundo do trabalho.

Tabela 3
Taxas de Participação das Cônjuges Mulheres, por
Condição de Atividade do Chefe Homem, segundo Tipo de Arranjo Familiar
Região Metropolitana de São Paulo
2007/2008

Cônjuges Mulheres (1)	Em porcentagem			
	Condição de Atividade do Chefe Homem			
	Total	Ocupado	Desempregado	Inativo
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos	59,6	62,6	67,4	38,1
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos	55,8	70,5	70,1	19,2

Fonte: SEP. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

(1) Excluídas as cônjuges mulheres em famílias com outro parente e/ou agregado e aquelas famílias com outro tipo de arranjo familiar.

Assalariamento, seguido do emprego doméstico são as formas preponderantes de inserção para a maioria das mulheres

10. Chefes e cônjuges, independentemente de ter ou não filhos, empregavam-se mais como **assalariadas** (Tabela 4).

11. Entretanto, a presença dos filhos parece afetar também o tipo de inserção das mulheres ocupadas. Quando pertencentes a famílias nucleares sem filhos, era maior a parcela assalariada (63,6%), sobretudo no setor privado com carteira de trabalho assinada. Em contraste, era relativamente pequena a proporção daquelas que atuavam como **autônomas** (13,3%) ou **empregadas domésticas** (14,4%).

⁵ Ver especialmente: Fundação Seade. Arranjo familiar e inserção feminina no mercado de trabalho da RMSP na década de 90. **Boletim Mulher & Trabalho**, São Paulo, nº 10, dezembro de 2002.

12. No caso das mulheres com filhos, sejam em famílias nucleares sejam com a ausência do cônjuge, cerca de 53,5% eram assalariadas. Parcela expressiva dessas mulheres inseria-se em ocupações autônomas ou como empregadas domésticas. No caso daquelas sem cônjuge com filhos, mais de ¼ empregavam-se como domésticas. Talvez se possa associar esse tipo de inserção produtiva, em ambos os casos, a uma maior flexibilidade de horário de trabalho, em especial no caso do trabalho autônomo e das empregadas diaristas, permitindo maior adequação a suas responsabilidades familiares.

13. Particularmente, em relação à chefia feminina sem a presença do cônjuge e com filhos, a proporção mais elevada de emprego doméstico e de trabalho autônomo expressa, mais uma vez, a fragilidade de inserção dessas mulheres, já que são tipos de ocupação caracterizados, geralmente, por baixos índices de formalização e remuneração.

14. Já as mulheres que moravam sozinhas situavam-se numa posição intermediária: proporção importante (59,1%) exercia atividades assalariadas, mas era relativamente elevada a parcela de autônomas (18,9%) e menos expressiva, mas ainda importante, a de empregadas domésticas (16,2%).

Tabela 4
Distribuição das Cônjuges e Chefes Mulheres
Ocupadas, por Posição na Ocupação, segundo Tipo de Arranjo Familiar
Região Metropolitana de São Paulo
2007-2008

Em porcentagem

Cônjuges e Chefes Mulheres	Total	Assalariada					Setor Público	Autônoma	Empregadora	Empregada Doméstica	Demais	
		Setor Privado			Total	Com Carteira Assinada						Sem Carteira Assinada
		Total	Total	Total								
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos (1)	100,0	53,5	41,8	33,5	8,3	11,7	17,8	3,6	18,7	6,4		
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos (1)	100,0	63,6	53,9	44,8	9,1	9,7	13,3	2,8	14,4	5,9		
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos (1)	100,0	53,6	41,6	31,4	10,2	12,0	16,9	2,3	25,2	-(2)		
Mulher que Mora Sozinha	100,0	59,1	44,0	34,6	9,4	15,1	18,9	-(2)	16,2	-(2)		

Fonte: SEP. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

Nota: A posição na ocupação não é a usualmente divulgada na PED - São Paulo. Uma parcela de autônomas e de empregadoras passaram a ser consideradas como donas de negócio familiar, que nesta tabela estão incluídas na categoria demais.

(1) Exclui as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e/ou agregado e aquelas famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Mulheres que moram sozinhas e chefes mulheres têm menor taxa de desemprego

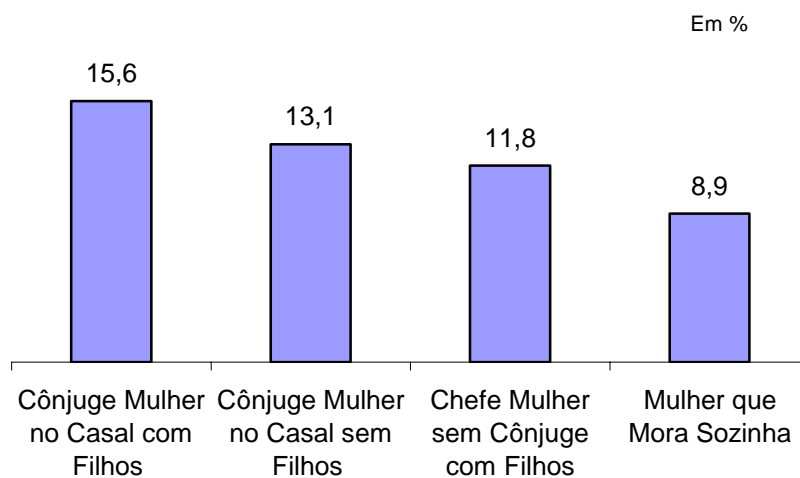
15. A relação entre desemprego feminino e tipo de família mostra aspectos interessantes: as situações em que a taxa de desemprego total é mais elevada são aquelas em que as mulheres pertencem a famílias nucleares. Nesse caso, a presença dos filhos implicou taxa de desemprego mais elevada (15,6%), ainda maior quando esse filho tinha menos de um ano de idade (23,1%), reduzindo-se para 20,3% no caso daquelas com filhos caçulas com mais de 1 ano a 5 anos e para 12,3%, quando estes tinham mais de cinco anos (Tabela 5). Nota-se, portanto, que a presença de filhos pequenos não parece impedir a mulher de procurar trabalho, mas dificulta seu acesso a uma ocupação, seja por restringir sua escolha de trabalho por um local mais próximo à sua residência e/ou por um tipo de jornada de trabalho menor ou mais flexível ou ainda, pelo lado do empregador, por preferir contratar mulheres que não possuam filhos menores.

16. Já no caso das cônjuges sem filhos, a taxa observada foi menor (13,1%), fato que reitera a constatação de que a presença de filhos parece ainda influenciar negativamente a contratação.

17. Nas famílias com ausência de cônjuge e com filhos, a taxa de desemprego tende a ser mais baixa (11,8%) e, entre as mulheres que moram sozinhas, observou-se a menor taxa de desemprego (8,9%).

18. Tais resultados parecem indicar que a presença do cônjuge não amplia as opções de trabalho das mulheres, especialmente quando têm filhos, mas, em alguns casos, permite que sejam mais exigentes na inserção produtiva. Porém, o desemprego relativamente baixo das mulheres em famílias caracterizadas pela ausência do cônjuge associada à presença de filhos, sobretudo menores, sugere que essas mulheres tendem a reduzir suas exigências profissionais, premidas pela condição de provedoras únicas da família. Já aquelas que moram sozinhas, situação em que a taxa de desemprego total reduz-se a um dígito, além de terem a exclusiva responsabilidade de manutenção do domicílio, parecem ter maiores possibilidades de inserção profissional. Nessa perspectiva, filhos, com ou sem a presença dos cônjuges, parecem dificultar o ingresso das mulheres no mundo do trabalho, em especial nas situações em que não há compartilhamento dos afazeres domésticos e do cuidado das crianças. Esta situação reafirma a necessidade de atenção por parte dos gestores de políticas públicas, no sentido de ampliar a oferta de vagas em creches e ensino infantil, especialmente no caso de famílias chefiadas por mulheres (Gráfico 1).

Gráfico 1
Taxas de Desemprego das Cônjuges e das Chefes Mulheres, segundo Tipo de Arranjo Familiar
Região Metropolitana de São Paulo
2007-2008



Fonte: SEP. Convenio Seade-Dieese e MTE.FAT.

Tabela 5
Taxas de Desemprego das Cônjuges e das Chefes Mulheres, por Número de Filhos Residentes e Faixa Etária do Filho mais Novo, segundo Tipo de Arranjo Familiar
Região Metropolitana de São Paulo
2007/2008

Em porcentagem

Cônjuges e Chefes Mulheres (1)	Número de Filhos			Faixa Etária do Filho mais Novo			
	Total	1 Filho	2 Filhos ou Mais	Total	Até 1 ano	Mais de 1 até 5 Anos	5 Anos e Mais
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos	15,6	15,6	15,7	15,6	23,1	20,3	12,3
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos	11,8	10,4	12,9	11,8	- (2)	16,7	10,4

Fonte: SEP. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

(1) Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e/ou agregado e aquelas famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(2) A amostra não comporta a desagregação para esta categoria.

Mulheres chefes sem cônjuge com filhos têm o menor rendimento e aquelas que moram sozinhas o possuem o maior

19. Ao se considerar que o nível do rendimento expressa a qualidade do posto de trabalho a que se vincula, constata-se que as mulheres pertencentes a famílias sem cônjuge e com a presença de filhos possuíam, no período estudado, **rendimento médio individual por hora** de R\$ 5,39 – o menor das quatro situações aqui consideradas –, podendo-se inferir que tais mulheres tendem a se inserir em postos de trabalho de menor qualidade, possivelmente premidas por suas responsabilidades de provedoras únicas da família.

20. Por seu turno, as mulheres pertencentes a famílias nucleares com a presença de filhos também tendem a receber rendimentos relativamente baixos (R\$ 5,89), embora quase 10% superiores aos da situação anterior.

21. Em situação mais favorável estão as mulheres que convivem com o cônjuge, mas não têm filhos e as que moram sozinhas, cujos rendimentos médios eram mais elevados (R\$ 6,91 e R\$ 8,98, respectivamente). Destaque-se o caso destas últimas, para as quais os resultados sugerem uma inserção mais qualificada no mundo do trabalho, especialmente entre as mais jovens, podendo expressar a postergação ou mesmo abandono de projetos de vida familiar em função de uma carreira profissional.

22. Reforça as considerações anteriores à análise das informações sobre **renda familiar** segundo tipo de família. As que possuem mulheres como chefes e presença de filhos apresentaram, em média, renda familiar *per capita* de apenas R\$ 540, a menor dos quatro tipos considerados. Em situação não muito melhor, encontram-se as famílias nucleares com filhos, cuja renda familiar *per capita* foi estimada em R\$ 655.

23. No caso das famílias com ausência de filhos e, portanto, menos extensas, o rendimento familiar *per capita* tende a ser mais elevado, tanto para o casal sem filhos (R\$ 1.102) quanto, principalmente, para as constituídas por mulheres morando sozinhas (R\$ 1.154).

24. Para se ter uma ideia da importância da contribuição feminina na composição da **renda familiar total**, observou-se que as mulheres eram responsáveis por 31,8% dessa renda nas famílias nucleares sem filhos, e por 22,4% naquelas com filhos. Por sua vez, nas famílias sem cônjuge e com filhos, a contribuição das chefes era de 58,6% e a dos filhos, de 41,4%.

25. Tendo em vista que o número de filhos tende a se reduzir ainda mais no futuro e que eles deverão permanecer na escola por mais tempo, adiando sua entrada no mercado de trabalho, é de se esperar, e vários estudos têm demonstrado, a crescente importância da contribuição das cônjuges na composição da renda familiar.⁶

⁶ Ver Mulher & Trabalho, vários números: www.seade.gov.br, Em 2000/01, nos casais com filhos e com parentes, as cônjuges jovens e adultas contribuíam com cerca de 20% do rendimento, sendo que entre as mais velhas essa proporção era menor (12,4%), devido à maior contribuição dos filhos, possivelmente já em idade produtiva.

Tabela 6
Rendimento Médio Real por Hora no Trabalho Principal das Ocupadas, Rendimento Médio Real Familiar Total, Rendimento Médio Real Familiar *per Capita* das Cônjuges e Chefes Mulheres, segundo Tipo de Arranjo Familiar Região Metropolitana de São Paulo 2007-2008

Em reais de novembro de 2008			
Cônjuges e Chefes Mulheres	Rendimento Médio Real por Hora do Trabalho Principal das Ocupadas (2) (3)	Rendimento Médio Real Familiar Total (4)	Rendimento Médio Real Familiar <i>per Capita</i> (4)
Cônjuge Mulher no Casal com Filhos (1)	5,89	2.403	655
Cônjuge Mulher no Casal sem Filhos (1)	6,91	2.204	1.102
Chefe Mulher sem Cônjuge com Filhos (1)	5,39	1.355	540
Mulher que Mora Sozinha	8,98	1.154	1.154

Fonte: SEP. Convênio Seade-Dieese e MTE/FAT.

Nota: A família é composta pelos indivíduos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro tipo de arranjo familiar.

(1) Excluídas as chefes e cônjuges mulheres em famílias com outro parente e/ou agregado.

(2) Excluídas as assalariadas e as empregadas domésticas assalariadas que não tiveram remuneração no mês, as trabalhadoras familiares sem remuneração salarial e as trabalhadoras que ganharam exclusivamente em espécie ou benefício. Inflator utilizado: ICV do Dieese.

(3) Excluídas as ocupadas que não trabalharam na semana.

(4) O rendimento familiar total consiste na soma de rendimentos de aposentadorias ou pensões, do trabalho principal e adicional (só de ocupados), de trabalhos ocasionais precários (só de inativos com trabalho ocasional e de desempregados com trabalho precário) e do seguro desemprego (só de desempregados e de inativos) recebidos pelos indivíduos maiores de dez anos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado. Inflator utilizado: ICV do Dieese. Valores em reais de novembro de 2008.

O tamanho da família é o total de indivíduos cuja posição na família seja chefe, cônjuge, filho, outro parente ou agregado.

O rendimento familiar *per capita* corresponde ao rendimento familiar total dividido pelo tamanho da família.

Considerações Finais

As cônjuges com ou sem filhos, além de seu papel estruturador no âmbito familiar, com suas atribuições como dona de casa e/ou mãe de família, têm se inserido crescentemente no mercado de trabalho. Ainda que esse movimento seja generalizado para todas as cônjuges, ao se considerar a presença de filhos, notam-se certas características específicas a cada situação:

- a taxa de participação das cônjuges com filhos (59,6%) supera a daquelas sem filhos (55,8%);
- a taxa de desemprego das que não possuem filhos (13,1%) é menor do que a das que os possuem (15,6%);
- o rendimento por hora que as cônjuges sem filhos recebem, quando ocupadas, supera o das que têm filhos.

Por sua vez, as mulheres que vivem apenas com seus filhos, na maioria das vezes as únicas responsáveis pela sobrevivência familiar, e as que moram sozinhas apresentam as mais elevadas taxas de participação feminina no mercado de trabalho.

As semelhanças entre elas, no entanto, restringem-se apenas a esse aspecto. As primeiras tendem a apresentar inserção produtiva de menor qualidade no mundo do trabalho e com baixos rendimentos – como o emprego doméstico e o trabalho autônomo –, corroborando a associação desse tipo de arranjo familiar à maior vulnerabilidade e ao empobrecimento.⁷ Já as mulheres que moram sozinhas apresentam menores taxas de desemprego, inserem-se em ocupações de maior qualidade, geralmente com maior grau de formalização, cujos rendimentos tendem a ser mais elevados.

As maiores dificuldades de obtenção de um trabalho remunerado, enfrentadas pelas mulheres com filhos, indica que a maternidade é vista, muitas vezes, como um obstáculo pelo mercado de trabalho.

Sem dúvida, a entrada das mulheres de forma mais intensa no mercado de trabalho, entre outros motivos, em busca de crescimento e emancipação profissional, fruto do aumento da escolaridade e da possibilidade de novos projetos profissionais, abre a possibilidade de se discutir mais profundamente o papel da mulher e do homem na família e na sociedade e a necessidade de compartilhar de forma mais igualitária as tarefas no lar e da educação e criação dos filhos.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ECONOMIA E
PLANEJAMENTO

SEADE

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados
Av. Cásper Líbero 464 CEP 01033-000 Caixa Postal 2658
São Paulo SP www.seade.gov.br
Fone (11) 3324.7200 Fax (11) 3324.7324
geadi@seade.gov.br ouvidoria@seade.gov.br

DIIESE

DEPARTAMENTO INTERSINDICAL DE ESTATÍSTICA E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS
Rua Ministro Godói, 310 - Perdizes - São Paulo - SP - Tel: 11 3874-5366
Fax: 11 3874-5291 - CEP 05001-900 - www.dieese.org.br - em@dieese.org.br

Apoio: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT. Secretaria do Emprego e Relações do Trabalho – Sert.

⁷ Ver, em especial: Fundação Seade. Famílias chefiadas por mulheres. **Análises Especiais 2: Pesquisa de Condições de Vida – PCV**. São Paulo, 1994 e Montali, L. e Tavares, M. Família, pobreza e acesso a programas de transferência de renda nas regiões metropolitanas brasileiras. **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 25, n. 2, p.221-231, jul./dez.2008.